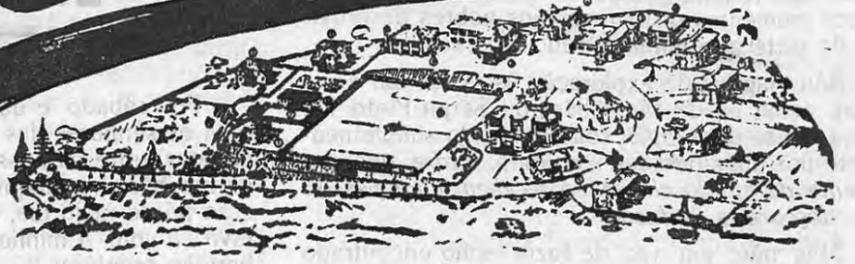




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Galato do Porto—Paga de Sousa
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Mun'Alvaros R. Santa Galarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

Aonde se fala da venda do importante jornal

Desde que cada um deu em chamar sua a zôna aonde vende, o dia da venda é uma fonte de discordias. Fala-se na posse do lugar, em direitos ofendidos—*ali é meu!* São ameaças, são nomes, são punhos. Quem é que atura os vendedores?!

O Zé Sá contou-me de como fôra ós correios, aonde despachou 4 duzias; e quando ia a revelar outras luras, sitas em outras ruas, acode o Carlos Inácio:

—*Não digas nada, meu burro, que eles comem-te os freguêses!*

O eles refere-se aos tais zelosos das suas areas.

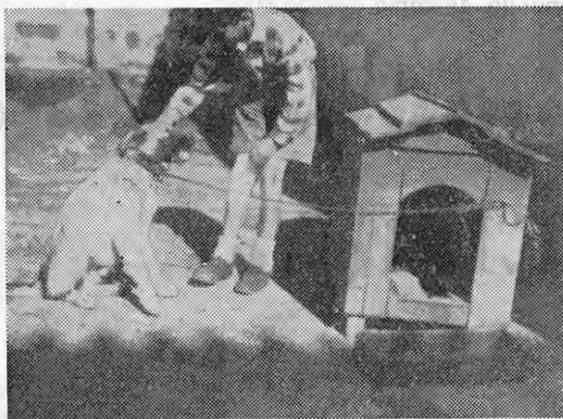
E' um terrível puxar de brazas, cada um á sua sardinha.

Daqui se infere quam difícil não é a doutrina do *Bem Comum*, a verdadeira doutrina. Nascemos individuos, somos individuais e todos marchamos para o individualismo, que é uma doutrina facil e falsa. Facil porque comoda. Falsa porque o bem que se procura é um engano. Sómente no trabalhar eficazmente e constantemente para o bem dos outros, é que cada um encontra o seu verdadeiro Bem.

Foi o Mestre que o disse. A sua palavra é creadora.

Mesmo com a chuva que fez naquele dia, os nossos trabalhadores despacharam 31 livros. Venderam 1817 jornais. Trouxeram nomes de 4 assinantes novos, do Porto e de Gaia, terras onde nasceram os dentes de Portugal. Cinco assinantes antigos, também lhes confiaram seus dinheiros. O Carlos de Tabua, ex-cozinheiro de Paço de Sousa, vendeu 4 jornais!

A venda é realmente, como eles dizem, no sabado. E' nos cafés e nos eléctricos. Os *peccadores* são quem mais compra! O Rui e o Carlos Veloso, chegaram aos 130 cada um.



Este é o *Marão*. Já nos tempos de cachorro, levava a casota atrás de si, de valente. Agora vive de outra maneira. Tem uma casa feita de raiz, aonde passa o dia em companhia do *Nero* e as noites, são para vigiar.

De manhã cedo, apresentam-se os *guardas* no refeitório, voluntariamente. E' o Zé da cosinha que os toma pela coleira, e conduz á prisão, com meiguices. Quanto a comida, é mais de temer que a fatura os mate do que a fome! Cozinheiros e ajudantes, fazem carreira para a morada dos cães.

O Zé Eduardo deu muito boas contas de si. O Zé Eduardo, está-se a portar bem... até vêr! Não quero gabar o Zé Eduardo. Amândio, Amadeu e Zé Sá, venderam tanto como êle,—cada bico, cem exemplares. Os acrescimos foram de 37\$70, 26\$00 e 27\$60 respectivamente.

No Domingo andaram 16 rapazes a *chatear os senhores*. O Teles foi o primeiro nos jornais: —93. Nos livros, empataram a cinco o Inácio mai-lo Fernando. Os acrescimos, subiram a 733\$00. Não temos necessidade de aumentar o custo do nosso quinzenal. Os seus leitores tomam isso á sua conta.

A exemplo do ano anterior, também êste se mandou a Paços de Brandão a caravana dos ex vadios que de lá vieram em tempos, a saber, Daniel, Raul e *Bucha*. *Periquito* comandou. Eram quatro pregadores. *Preparam* na praça e á porta da igreja. Vinte e um assinantes da terra, confiaram-lhes o dinheiro e o mesmo fizeram mais quatro senhores, amigos de boas noticias. *Periquito*, chegou a casa e desaperta o casaco, desaperta o colete, desaperta o pulover, desaperta a camisa, levanta a camisola e tira um masso de notas muito sebatas e muito quentinhas: *Anda praí tudo cheio de ladrões*, disse êle. Pois anda, sim. E andaria mais um se...!

Venderam 250 jornais e entregaram 533\$00 de acrescimos! *Preparam* muito bem e o auditorio esteve á altura. Quantas viúvas não teriam dado o seu quadrante?!



Um episódio

Foi na rua dos Clerigos. A rua dos Clérigos é praça conquistada. Temos ali o *Depósito*. Temos rapazes colocados, o Lisboa pequeno e o Domingos. Temos inumeros fregueses de *O Gaiato*; cada loja é um, e elas são tantas! Pois foi na rua dos Clérigos e foi assim. O Domingos empregara-se; é rapaz de balcão. Em cima, em Candido Reis, está há muito empregado o Amândio. Que resolve êle? Sair á hora do estilo, passar pelos Clérigos e esperar ali a saída do Domingos. Viriam juntos para casa. Planta-se em frente do portão do Domingos, a espreitar e a acenar. O Patrão acode. Cuida que se trata de más companhias. Quer defender o seu novo empregadito. Manda-o passear:

—Já embora.

—Eu também sou gaiato.

O Amândio, que me contara tudo até êste ponto, com aquela costumada graça que tem, continua a narrar de como o senhor ficara contente e o mandara imediatamente entrar.

Dois pontos a considerar. O primeiro, o mais consolador; é o interesse do Comerciante da Rua dos Clérigos pelo seu pequenino orfão. Na verdade, todos aqueles que podem, deviam fazer suas as creanças sem País. O segundo, é o crédito que já vai tendo na praça este nome—*Gaiato*. —Apanhei muita pancadinha, por cartas e cara a cara, por amor a este nome. Que era um ferrete. Que era nome indecoroso. Que um padre devia saber mais e melhor e tal e tal e tal. Que os mestres se arrependam.

Eu também sou Gaiato. Tanto basta para que as portas se abram.



São fitas de carpinteiro, pró lume. Alimentar a cozinha de combustível, constitue uma obrigação. Em regra, gosta-se de obrigações na cozinha. Estão mais pertinho do calor e das panelas, aonde também há calor. E agora, de inverno, é que é! Há dois na copa, dois cozinheiros, dois ajudantes, um da lenha, um de limpeza. Tudo isto é o pessoal da cozinha.



Comunicação muito importante

E' só para que todos saibam que é amanhã, domingo, dia 1 de Dezembro, que eu devo pedir na igreja do Bomfim. No domingo anterior, foi na parochial do Carvalhido e na capela da Ramada Alta, aonde todos estiveram com muita atenção. Três contos na primeira e 1.300 na segunda. Antes, tinha falado a igreja da Trindade com 7 contos. A de Cedofeita, foi a onde se abriu a campanha deste ano, com 4 contos. E assim por diante, em todas as igrejas e capelas da cidade. Quando eu me preparava para receber o produto de Cedofeita e da Trindade, aparece-me o Assistente-auxiliar do nosso Lar do Porto: «Alto. Deixe cá ver que não temos nada em caixa». Resignado, entreguei, á espera do Carvalhido e Ramada Alta, porém, não fui melhor sucedido. O Assistente da Casa de Miranda, aparece: «Largue!» E eu larguei!

Espero que os dois me deixem comer sózinho. E' no domingo, 1 de Dezembro, nas missas do Bomfim. Passa palavra.



VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

MIRANTE DE COIMBRA

Dois dias no LAR DO PORTO

Nota da Quinzena

Sem perdermos de vista os Gaiatos de Miranda e os Rapazes do Lar de Coimbra, destinamos alguns momentos disponíveis aos pobres desprovidos da sorte que também são filhos da Rua.

São viagens de exploração às vezes tão arriscadas como as de Magalhães ou Serpa Pinto. Há dias, à porta dum lojaão, sou prevenido simultaneamente por duas pessoas: — *cautela, padre, que isso é gente de quinta classe, só recebem uma pessoa com descargas de fusis!*

Mas não; em vez de fusis tenho encontrado sempre o acolhimento mais familiar que se pode imaginar. *Acautele-se, santinho, olhe que a escada está pôdre!*

Estes homens assim nunca haviam de morrer! Mas vamos a outro mirante que este está muito batido. Como sempre, é preciso sair à rua que é a mestra e o exílio dos degredados filhos de Eva. Os primeiros a calcá-la são os lixeiros. A's sete e quinze passa-me o carro à porta. Um pequenito, de *penna alta*, tira o boné e cumprimenta. Somos velhos amigos.

— A que horas partiste de casa?
— A's três da manhã.
— Quantas eram quando começaste o trabalho?
— Eram cinco.
— Já almoçaste?
— Ainda não. Só quando acabar de varrer a minha área é que vou ao café.
— E quem te faz o café?
— O meu café é broa que eu compro por seis tostões e sardinha.
(Café de sardinha. Também do leite se faz pólvora).

— Ao meio dia quem te dá de comer?
— Não é ninguém. Asso outra sardinha e à noite a mesma coisa.

Não sei que mais admirar nestas crianças: se a vontade de vencer, se a sua conformidade com a dureza da vida.

Pequenos heróis crêdores do carinho da sociedade! Quanto não deve ela ao sacrifício destas pobres vítimas. Folhas mortas, caixotes de lixo, trapos e papeis sujos, cascas de fruta, pedras roliças, escrementos de animais, ninhos de insectos — a tudo deitam mão para que tu, meu pedante, possas passear e digerir sem te molestares. E sabes onde vivem, como vivem, quanto ganham? Nem eu digo, para não ofender ninguém. Inacreditável!

Qual a defesa moral destas crianças em contacto com a ponta de cigarro que topam ao picar a relva, com a malta que se amontua na caserna, longe do lar, (se o tem) uma semana inteira entregues a si mesmos?

Qual a sua defesa física em contacto com o escarro, com o esterco de toda a espécie, sem comida cozinhada, sem balneário, instalado nas ruínas do velho pardieiro da Inquisição?

Tanta gente que vasculha alfarrábios à busca de argumentos contra ela, e ninguém descobre que lá dentro, nos mesmos aposentos, vivem irmãos mais infelizes que os dos autos de fé!

Vivi com eles uma hora e vi que punham em nós os olhos como num redentor há muito suspirado. Sondamos os homens de boa vontade. Em todos encontramos um coração compassivo que se doe com a sorte dos pobres lixeiritos.

Mais duas palavras de gratidão e súplica. Vai para dois meses que aqui não agradeço nada. São poucos os donativos. O inverno veio cedo e gelou os corações. Ai de quem precisa! 20\$ de Matosinhos; 15\$ de Coimbra, em vale de correio; 20\$ de visitantes também de Coimbra. 270\$ da Companhia de Seguros Europa. 50\$ e mais 50\$ de jornalistas visitantes dum grande diário de Lisboa. 20\$ na Gráfica onde antigamente ia parar muita coisa bem como à Casa do Castelo e agora, nada. As ofertas mais valiosas foram duas peças de flanela e um porquito. A costureira quando chegava o sábado ao ver o montão de camisas que tinha de remendar cruzava os braços e punha-se a chorar. Também aqui chegaram sem guia muitos alqueires de milho. Estamos em crer que estão pagos pois daquela fonte só vem água limpa.

Mais roupinhas usadas de Oliveira do Hospital, outra fonte que nunca seca e Deus a acrescente.

De Lisboa, uma dúzia de camisolinhas de lã, trabalhadas por mãos de fada. As mães que as

Foi sábado e domingo. Agora, que ando na caça ós senhores das igrejas, tenho de fazer temporadas entre os nossos, do Lar. Cheguei à cidade de manhãzinha, naquele dia. Dei voltas na Baixa e ao pé do meio dia, estava em casa. Não se contava ali com a minha ilustre pessoa, pelo que o barulho redobrou.

O Zé Eduardo aparece. Chega do escritório aonde trabalha. Após os cumprimentos do estilo, vem o pedido: *uns sapatos. Uns sapatinhos.* Traz nos pés uns que retirou do nosso armazem, em Paço de Sousa, quando veio para o emprêgo. Não eram dele. Os dele, perdeu-os. São uns sapatos amarelos, finos, calçado que nos oferecem em bom uso, sim, mas usados. Por isso mesmo, Zé Eduardo informa:

— Dê-me uns sapatos. Olhe que eu ando com os pés no chão.

— Também eu.
— Não é isso. Olhe; ora veja. Até ando sem meias.

E mostra as solas dos pés, muito branquinhas, a fazer de solas dos sapatos, que se tinham rompido! O Zé Eduardo é homem de grandes argumentos. Sabe puxar por eles. Como eu não mostrasse decisão, ele vai buscar a oferta dos 50 contos: «nós temos 50 contos pra sapatos. Eu é que os ganhei. Eu apareci descalço, no Gaiato. Foi por me verem lá assim, que nos deram o dinheiro. Ande lá. Uns sapatos.»

Nisto, toca para a refeição das 13 horas. Começam todos a chegar, cada um do seu emprêgo. Sentei-me à mesa deles, com eles. Aqui não há a *mesa dos senhores*, como em Paço de Sousa. As salas, por pequenas, não dão pano para mangas. Comi na mesa dos *acadêmicos*, como eles chamam àquela aonde comem os que teem escola de noite.

Muitos fazem semana inglesa. O Oscar mais o Amândio, foram passá-la a Paço de Sousa. Dos que ficaram, alguns acompanharam-me, nas voltas dessa tarde, em plena rua. Gosto de conversar com eles, em passeio São, em regra, vendedores do jornal. Contam episódios da venda: *ali é que é vender*, ao passarmos pela Ateneia. *Naquela casa, tenho dois fregueses que só me compram a mim, Se lá vai outro, mandam-no embora.* E' como quem puxa por cerejas de um cesto! As notícias sucedem-se e eles também.

Assim como contam ao mundo perguntador quem nós somos, também nos trazem notícias do que lá fora se pensa de nós. *Não acredito nos padres. São todos uns aldrabões. Foi ali naquela casa, uns senhores que disseram.* Cada um defende-se consoante o seu engenho. Nenhum se cala. A' noite, à ceia, foi um berreiro. Aproxima-se o domingo e com ele o desafio do *Benfica e Porto*. Este tem mais adéptos na casa.

— O Araújo, vai meter braza.
— Sim. Mas está lá o Rogério.
— Os Benficas são mas é uns caneleiros.
— Pois são, mas também o Barrigana deu caneladas no Teixeira.

E' muito difícil ser-se fiel à hora do silêncio aqui em casa, quando amanhã se batem grupos de categoria.

Estava já recolhido, quando Telles me vai perguntar se pode ir comigo de manhãzinha à Missa. Disse-lhe que sim. Daí nada, o mesmo vai pedir licença, também, para o Bernardino e o *Despacho*. Que sim.

Foi o mesmo Telles que me veio acordar: *olhe que faltam 20 para as sete.* A's sete estávamos na capela da Rua Firmeza. Pedi um sacerdote para me confessar. Os três rapazes fizeram o mesmo. Ali, na mesma sala e no mesmo plano, discípulos e mestre, disseram ao mundo que são iguais!

recebem para os seus filhitos beijam-nas quando lhas entrego. E são tantas as que encontro a pedir-me agasalhos para os seus bebês recém-nascidos! A Covilhã que costuma vestir os nossos rapazes, ainda este ano não disse nada.

Se és Tu, Senhor, que tocas os corações, por que esperas? Domine ad adjuvandum me festina!

P.º ADRIANO.

Tem acontecido mandar rapazes dos nossos receber esmolas ou subsídios que generosa e gostosamente nos querem oferecer, alguns de somas consideráveis.

Mandamos o rapaz à nossa escolha e voltam com a notícia do grande espanto que se fez: *então és tu que vens?! Outras vezes, não trazem nada: vai que eu mando depois.*

E' muito de agradecer a cautela com que se guardam os interesses da Casa do Gaiato. Por aqui mesmo se nota que todos lhes querem chamar e fazer sua. Vigiam a segurança das suas próprias ofertas: *vai-te embora que eu mando depois.* E' muito de agradecer.

Porém, nós estamos a fazer uma obra de assistência pela educação. Dar de comer não basta. Educar escorraçados, é chamar por eles.

E' toma-los e aceita-los por nossos. Dar-lhes a nossa alma para conquistar a deles.

Um acto de desconfiança, é lembrar ao rapaz o que êle foi; atribuir-lhe culpas que jamais teve; destruir a esperança, o brio, a vontade de ser um homem, coisas estas que êle não merece. Antes de o julgar por *rapaz da rua*, convem indagar porque é que o foi. Se o processo fôr bem instruído, outros terão de responder, que não êle.

Peço a todos os amigos da *Obra da Rua* que entreguem aos nossos rapazes tudo quanto a nós se destina, e destarte juntam o concurso espiritual ao auxílio material.

Que eles sejam os alegres mensageiros da tua confiança, mais do que simples portadores da oferta.

A possível infidelidade de um, não tem força para destruir o nosso propósito: Educar pela confiança.

A alegria do *Rio Tinto*, quando há tempos o mandei a uma cidade receber dez contos! Trazia as notas muito embrulhadas, muito recatadas: *aqui está!*

Vi em Lisboa a carta para a sua mãe, de um dos nossos que foi das ruas e hoje é empregado no Porto. Contava-lhe de como vai receber contos: *trago sempre o dinheiro muito apertadinho na mão, pró não perder.* O cuidado, o zelo, o interesse, a responsabilidade, — o homem.

Tudo valores perdidos por um acto de desconfiança! *O quê? E's tu que vens buscar!* E' sim senhor. Vai buscar com nossa licença, para não roubar sem ela. Gosto de tomar riscos e responder por eles. Até à data, encontrei 3 infieis.

Dá a média exacta de um por cento. Vale a pena continuar.

A *Obra da Rua* que nascera com luz mortíça, é hoje farol. Trata-se de uma obra humana à feição das almas; uma aplicação do Evangelho sem cerimónias.

Eu sou testemunha de vista e do ouvido, todos os dias, do desabrochar destes rapazes para a vida. Eles, por sua vez, dão testemunho ao mundo, de como desabrocham.

Eleições

Estamos a preparar ambiente para as proximas eleições, que hão-de ter lugar em Coimbra, Porto e Paço de Sousa, respectivamente no primeiro domingo de Janeiro, no dia um do mesmo e a 25 de Dezembro. Trata-se de eleger o chefe supremo da casa, por um ano. Aqui em Paço de Sousa, temos 42 rapazes com direito ao voto. O resto da tropa, uns por miudos, outros por ainda não saberem ler, estão excluídos. Reina grande ansiedade. Aponta-se êste e aquê. Os animos começam a ferver.

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

|| Pagar o salário || || a quem trabalha ||

Destina-se o Lar do Gaiato do Porto a dar ambiente de família à criança ex-abandonada que em Paço de Sousa e em Miranda do Corvo se desprendeu de afeições ruins e por cujo futuro profissional é preciso cuidar. Neste Lar, também, a marca diferencial da Obra: — não manda embora na idade X, mas na idade X providencia quanto ao futuro dos rapazes, no clima novo de novas responsabilidades, aumentadas por uma mais ampla liberdade.

O Porto, generoso em tudo, coloca-nos na indústria, no comércio e até no funcionalismo quantos rapazes se mostrem aptos a cumprir. Superabundam os empregos, louvado Deus. Podemos dizer que com esta vantagem de escolher, os nossos rapazes estão actualmente todos bem colocados, o que não significa que, como pais zelosos, não procuremos melhorar-lhes as posições se tal necessidade se vier a reconhecer.

E' tempo, porém, de fixar certos princípios que não são exclusivamente nossos, porque são doutrina social assente, comprovada, consagrada.

O Lar do Gaiato tem como função primacial educar rapazes em ordem à sua função profissional. Temos por equívoco, perigoso e nem sempre sincero o processo de apontar direitos aos que trabalham sem lhes pregar os deveres para com os patrões. E' moderno. Pode ser oportuno. Mas nós estamos aqui para servir a Verdade. A todo o direito corresponde uma obrigação.

Por isso não poderíamos educar nesses princípios de verdade e de justiça social um rapaz que todos as horas se sentisse expoliado no seu justo repouso e no seu justo salário por algum patrão que viesse a supor que a Casa do Gaiato era a porta-falsa por onde se iludissem as Leis do Trabalho. A nossa grande força sobre os rapazes é a certeza de que a causa deles é a nossa causa. Se alguém julgasse que a Casa do Gaiato se prestaria a ser capa de exploradores do trabalho de menores, se alguém insensatamente tivesse admitido a nossa cumplicidade numa «paródia de ordem social cristã», teria errado.

Queremos que os nossos rapazes amem o trabalho. Mas não o amariam se pressentissem que o Trabalho era, afinal, uma forma do mais forte explorar o mais fraco.

Não nos interessam gratificações e mimos dados por favor.

Isso é deformar a consciência dos rapazes: Da-se, primeiro, o que lhes pertence por justiça, salário ou ordenado justo e horário de trabalho que não exclue, em nosso critério, a obrigação de prestar com boa vontade um serviço extraordinário. Mas *extraordinário* supõe que habitualmente se respeita a capacidade física dos rapazes.

Estes princípios sociais estão certos.

SERVO.

Os nossos estudos, tanto na escola comercial como na primária prosseguem com ardor. Todos fazem por ter boas notas. Quase todo o tempo que temos livre é empregado no estudo.

O Licínio teve que fazer uma operação à garganta. Foi o Dr. Moreira de Sousa. Esteve dois dias de cama mas depois já pôde ir trabalhar.

O Sr. Director da Escola Comercial de Mou-sinho da Silveira disse-nos se nós quiséssemos vender lá o nosso jornal. Vamos pedir ao Sr. P.º Américo se nos deixa lá vendê-lo.

Os nossos leitores esquecer-se-iam do número da nossa porta?

Tem esquecido registar a oferta de 500\$00 por intermédio da Snr. Abade de Sanguedo.

Outro caso digno de registo é o das batatas. Mandamos vir quatro sacos do Snr. José Ferreira

Vinha no jornal de ontem. Hoje, na capela da nossa aldeia, o pequenino Ernesto por acolito, comungamos a dôr e lágrimas da praia da Nazaré. Perdeu-se um barco com todos os tripulantes. A noiva de um, enlouqueceu. A Mãe de três, sucumbiu, por muito amar. Morreu de amor. Foi o amor que matou a Maria Virrissima da Nazaré!

A Missa daquele dia, àquela hora, foi solenemente aplicada pelos heróis vivos e defuntos.

Gosto de parar, quando passa uma mulher da Nazaré. Gostaria de morar uns dias entre os pescadores, a saborear a riqueza e bom gosto das tradições, conforme vem nas suas indumentárias. Oh coisas lindas da minha terra!

Pasmo de tanto heroísmo, quando as vejo na faina do peixe, um filho ao colo, outro na canastra, pelos caminhos além e no fim, — morrem de amor!

De uma vez, em Coimbra, fiz já não sei o quê, a uma família de pescadores da Nazaré. Dias depois, aparece-me um deles com duas grandes lagostas! Não quiz aceitar. Não tinha casa. Não tinha lume. Mas tinha o pescador um estuante desejo: *Aceite!* Aceitei.

A todos os leitores do nosso precioso jornal, por simpatia, por humanidade ou por sentimento religioso, a todos peço um minuto de silêncio. Não há outra voz para exprimir a dôr!



Botelho e êle só mandou receber dois e por preço de armazenista.

O Cronista

ZÉ EDUARDO

Notícias dos nossos pobres

Chegou o frio e os nossos infelizes pobresinhos, alguns deles, só trazem a pouca roupa que lhe reveste o corpo. Qual dos nossos leitores não têm esquecidos, ou no fundo de uma mala ou em qualquer parte, um cobertor, uma simples peça de vestuário para homem ou mulher? Imaginem caros amigos leitores, o que é passar uma noite de inverno, sem o mais pobre agasalho para se combater o frio!

O pobre tudo e tudo aproveita. Não vos esqueçais deste mandamento que diz, amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos. Tende piedade.

Suavizai esta quadra do frio aos nossos protegidos. Deus queira que oijam a voz do humilde pobre, e esperemos que se condoam e não deixem que eles possam tritar, naquelas noites sem fim do inverno. A nossa Conferência fica esperando a vossa bondade.

Temos primeiro de tudo de registar um acto de caridade. Foi o caso do falecimento da mãe do nosso mui amigo assistente — auxiliar. Numa carta que deixou, rezava que todo o dinheiro que fosse gasto em flores, revertê-lo a bem dos pobres. Assim foi; os nossos confrades com o dinheiro que haviam de dar para flores, foi resolvido distribuí-lo pelos nossos protegidos pedindo-lhes que assistissem à missa do 7.º dia, e assim aconteceu. Todos compareceram. Deus tenha em descanço no céu a alma daquela bondosa Senhora.

A pobre de Camões ainda não melhorou da perna. Em virtude de o gato ter partido o candeeiro, a Conferência resolveu comprar um outro que o confrade visitador lhe levou. A mãe do ceguinho anda um bocado adoentada. Como necessitava de tomar umas injeccões, houve uma senhora que teve a caridade de lhas oferecer. Foi admitido mais um humilde casal. O marido foi empregado de café, mas como atingiu idade imprópria para continuar ao serviço, o patrão resolveu despedi-lo. Agora estão na miséria.

O Presidente

Júlio Mendes

Corrida às igrejas

No inverno passado fui ós teatros. Este, é nas igrejas. Todo o verão, levei nas praias e casinos monumentais, a falar à gente da nossa melhor sociedade, como diriam os jornais de categoria. Não importa classe ou credo dos auditórios. Todos intendem. No dia do Pentecostes estavam Partos, Medas e Elamitas. Estava gente da Mesopotamia, da judeia, da Capadoceia, do Ponto, Fugia, Pampilia, Egito, Líbia e os vindos de Roma. Várias línguas, e cada um compreendeu na sua, a palavra dos apóstolos! Hoje é na mesma. O Espírito Santo sopra aonde quer. Os dos casinos, os dos teatros, os das praias, os das igrejas, os das ruas. Vários credos e até nenhum, mas *todos* escutam e guardam no coração a palavra dos apóstolos. E' um alerta. Uma hora de resoluções. As almas vibram. Quantos, amortecidos pelo pecado, não tentam despertar para a vida, quantos?! *Eu sou a ressurreição e a vida!* Vamos estender a mão, ou vamos dar a mão? Eu cuido que a derradeira é a função dos pregadores do Evangelho. Há muita gente que vê neste modo de vida um desgaste cotidiano e lamentam, por simpatia, tantas horas de trabalhos. E' um erro. Perdeu-se o sentido das realidades divinas. Não se acredita no sobrenatural. Cuida-se que Jesus Cristo ficou na sepultura e que os cristãos são herdeiros de um epitáfio. Gosta-se, em regra, desta fêsinha de meias tintas e de panos quentes. E' mais cômoda. Não obriga. Outros erros. A verdade toda, é que não existe no mundo vida mais consoladora do que a dos homens que semeiam e colhem unicamente para o Bem total do seu semelhante, no esquecimento da sua pessoa e bens.

Ninguém tenha dó nem chore as penas dos mártires do Evangelho.



Breve notícia aos assinantes de Alcanena

Nós temos ali um rôr de assinantes. Um chama-se Lenine. E' dos primeiros. Pois muito bem. Tenho resolvido ir àquela terra dar duas palavrinhas àcerca da nossa obra.

Uma pessoa de lá, que sabe dos meus intentos e me quer auxiliar, pergunta-me qual será a melhor maneira de fazer a propaganda. Ele é que deve saber. Mora na terra. Conhece bem o mapa. Cá por mim, faço o que posso, como sei. Sirvo-me do instrumento eficaz da propaganda: o jornal. *O Gaiato* é um jornal, e que jornal! Aqui fica o recado. Não sei quando será. Talvez não seja este ano. Estamos no fim. Mas é breve.

As duas palavrinhas que ali tenciono dizer, no cinema, Câmara ou igreja, contém a necessidade que nós temos de cabedais. Os nossos rapazes veem todos de pé descalço. Eu entendo que o problema do pé descalço não se resolve com posturas nem com multas. A melhor maneira é calçá-los. Dar-lhes sapatos. Sapatinhos. E' disto que eu tenciono falar. Nem que não diga tudo, os ouvintes intendem...

Consta-me que ali os padres teem pouca aceitação. Não acredito. Se assim fosse, não girava por lá, como na verdade gira, o órgão da nossa obra, o qual, se não traz o retrato de padres, traz, contudo, o nome dum, escarrapachado no rôsto do dito, como director e editor e fundador e tudo. Não acredito. Tanto assim é, que eu tenciono munir-me antecipadamente das respectivas licenças, em Lisboa, para assim me habilitar a receber qualquer bocadinho de sola que este ou aquele industrial me queira oferecer. Eu não sou como o Ernesto. Este, quando há dias saímos a caminho de Lisboa, ali pelas alturas de Alenquer, passou uma camionete carregadinha de sola. O rapaz olha, mira e exclama: *aquilo devia ir mas era prá nossa casa!* Eu não sou como ele. O benefício seria, até trazê-la da terra dela, em vez de esperar aqui e tudo o mais que em nossos tempos aflige a humanidade. Isso é que era. Espero que assim seja e até lá!

Isto é a Casa do Gaiato

NASCEU-NOS uma vitelhinha. Os rapazes andam todos a ferver, especialmente os da erva, cujo chefe é o Jacinto. O pastor, para não ficar atrás nas boas notícias, veio comunicar que andam seis ovelhas *pra ter*. Não lhe perguntei o quê. Estas meias palavras dizem tudo. Os do campo, ao verem a pimponice do pastor, disseram-me que andam mais duas vacas por dias. Por outras fontes, soube que a galinha do *Velha* tinha tirado 12 pintinhos, de forma que parece não haver estação de outono na nossa aldeia.

DIZ o povo e é verdade que toda a linda tem seu quê. A par da vida anda a morte. Ora oiçam:

Vejo esta manhã o Constantino a dar com uma galinha no focinho do Nero.

—Que é isso?
—Foi o Nero que matou esta galinha! Ao pé, estavam *Gari*, *Zé da cozinha*, *Chegado* e outros, a contar de como fôra. *Era das cucas, das mais lindas.*

Daí a nada outra notícia. Era um pato morto. Quem matou? Quem havia de ser? Os perus. Os perus, à bicada, mataram um pato!

Pela tarde fôra, e no mesmo dia, oiço grande restolhada na cozinha e o *Botas* a chorar. *Hei-de dizer a fulano! (a mim).*

O *Botas* calçou um dos pintinhos do Constantino, na cozinha, e aquele deu-lhe dois safaões. Três desastres num só dia!

•••••

O *Periquito* já comeu. Comeu, do Veiga. Primeiramente houve ralhos: *salta cá pra fora*. O Veiga saltou e o resto não se diz!

O Veiga tem sido muito cumprimentado.

•••••

O *Zé da lenha* reincidiu. Como toda a gente sabe, êle foi castigado aqui há tempos por comer a dieta dos doentes. Era e ainda é o enfermeiro. Pois bem. Hoje de manhã apareceu aqui uma queixa a dizer que êle comera o molete do *Magala*. O *Magala* está de cama. Dirigi-me à enfermaria. Outros doentes levantam outras queixas:

—Ele finge que prova a nossa comida e come a mas é! Ele não faz os nossos despejos!

O senhor *Zé da lenha* respondeu em tribunal. Tenho-o ouvido no telefone a dizer que é o enfermeiro da casa, quando perguntam quem fala. Enfermeiro da casa, sim. Mas devia dizer mais. Devia dizer o que dele dizem os doentes, Assim é que estava certo.

•••••

ESTIVERAM aqui uns Senhores a filmar. Vieram por duas vezes. Da segunda, trouxeram o cinema com filmes a dar lições à gente, de agricultura, de história e mais coisas. Também veio o som da Emissora Nacional. Foi aqui o fim do mundo! A *senhora* não fazia mais nada do que chamar os das obrigações, e eles não apareciam nas obrigações!

Eu gosto muito de cinema e acho bem que se façam muitas fitas,—mas aqui em casa, não. O próprio *Aaolfo Coelho* também assim pensa. Ele mesmo me disse, quando me estavam a *fritar* o calor das lâmpadas, que os primeiros cristãos sofreram mais na boca das feras! Forma delicada de me consolar.

O documentário não tem nada de enfeites nem de pinturas. E' tudo tal qual. Lá aparecem os do campo a cortar milho, que outros desfolham e malham, que o Rio Tinto tende e cose, que os dispenseiros conduzem em cestos, que os refeiteiros partem e servem e que todos comem o jantar. O jantar é filmado. Os senhores entraram pra nossa cozinha às 9 horas e eram duas da tarde quando de lá saíram! Ele máquinas e instrumentos e luzes e quilómetros de fio. Ele *corte*, ele *passa*, ele *ande pra frente*, ele *torne o principio*;—e aqui é que era tudo. Estava-se quase sempre neste sítio! Oh trabalhos!

Lá está o *Sapo* com a capoeira às voltas e *Russo* com as pocilgas e os dos bois com eles à sôga.

Escola, capela, oficinas, tudo a trabalhar. E a nossa vindima! E os nossos cantares! E os dois batatas! E um *tribunal*! E eu a dizer coisas ó respeitável público! Vai ser a coisa mais portuguesa que jamais se viu em Portugal.

•••••

ONTEM à noite foi dia de *Tribunal*. Foi um dos mais agitados de que há memória cá em casa, não tanto pela matéria do delito, como pela quantidade e qualidade dos réus. Foi pevides. Pevides de abóbora. Agora que o milho se colheu, ficaram os campos extremados de abóboras. Começou a constar na aldeia que certos fulanos tinham ido a elas, partido algumas e comido as sementes. Falava-se, até, em nomes. A' noite, Fernando Rocha, um dos chefes, levanta a vós e convida os implicados a dar um passo à frente. Ai começam eles a sair dos seus lugares. Alfredo, Vieira, *Pastelão*, *Preta*, *Figados*, todos estes creados de dentro e roupeiros. *Fala-barato*, trôlha. *Bucha*, da limpeza da casa dos... sujos. Nenhum dos do campo; dos que veem e lidam com as abóboras, nenhum!

Os implicados, uma vez em tribunal, começam de implicar outros que não estavam ali. *Aquele também lá foi*. E começam também de agravar as culpas entre si: *tu é que me chamaste que eu cá não queria*. A confusão toca as raí as do delírio. Quanto mais ralhos de comadres, mais verdades!

A gente já sabe dos anos antecedentes, que não há nada mais difícil de guardar do que pevides. Fecham-se a sete chaves e eles arranjam sete chaves para as ir buscar. Já sabemos disso. Porém, isto de eles irem por elas ao próprio seio da abóbora, é novidade!

•••••

ESTAVA eu na cozinha assistindo à balbúrdia da me-

renda, quando o *Sapo* assoma à porta: *Minha senhora*. Era um tabuleiro de erva e couves migadas, para os porcos. Aquele *minha senhora* é a interrogação de censura. O tabuleiro da comida é censurado com uma vista de olhos, pra não demorar. *Está bem*. Daí a dois minutos, volta o *Sapo* com novo tabuleiro: *Minha senhora*. E' a comida dos perús. O rapaz, com o seu saber e jeito, serviu a manada dos perús e vai agora fazer o mesmo às galinhas. Tinha dito *grú grú*. Agora diz *cócoró có*. Mas não estava ainda a missão terminada. Mais uma vez aparece a figura do pequenino trabalhador: *Minha senhora*. E' a vez dos patos. A merenda dos patos. Lá vai ele *quá-quá*. Três vezes ao dia, sem faltar à obrigação da escola, este vadiosito que foi dos caminhos, não falta à obrigação de preparar o sustento das aves que lhe estão confiadas, e elas são tantas!

•••••

O telhado da nossa cozinha do forno e das capoeiras, está cheio de abóboras. Vieram hoje dos campos cinco carros delas, a trashedar. Os bois novos puxavam e o Rio Tinto puxava os bois. Pincelada bela e saudavel de uma casa de lavoura. A mãe terra, dá-nos de comer. Agora que é tempo de colheitas, fala-se na aula de catequese de Deus Onipotente, creador do Céu e da terra. Os do campo assistem, pardos da terra. Passa-lhes pela mão a doutrina. Na aula, nada mais fazemos do que reflectir. A natureza também ajuda a formar o homem.

•••••

TEMOS caldo de abóbora todos os dias. E' abóbora e cebola e cevadilha. A malta come e come e come. Milho traçado faz o conduto. Batatas, já as comemos todas; tivemos pouca sorte na colheita. Arroz,—comem-no outros com certeza. Desde

Maio que a gente o não prova. Anda também por lá. E' como os vadios que nos procuram.

—De onde vens?

—Ando por lá!

O milho traçado faz um prato importante. Se cá tivéssemos estofo, havíamos de medir as suas calorias, mas acho que são muitas a julgar pela aparência dos que o comem. Nós fazemos tudo para que os nossos não sintam nem sofram pela falta de mercearia que não aparece. Hoje, por exemplo, o Constantino fez assim: muita abóbora esquarterada. Muita cebola esquarterada. Quinze canecas de feijão das de barro, com um garôto a dar um furioso pontapé numa bola. Um nadinha de massa. Adubo. Um tacho que mete mêdo num fogão da mesma sorte. Ao meio dia, todos cumpriram o seu dever.

•••••

COLHEMOS dezoito carros de milho. Acabou-se de esfolhar há poucos dias. Os mais pequeninos, por não terem escola, é que o fizeram. Não se acredita facilmente, mas é verdade. Rapasinhos da casa dos 6 e 7 anos, desfolharam espigas que produziram dezoito carros! A merenda do derradeiro dia, foi muito falada, e muito merecida. Alguns enamoravam-se das espigas-rei, e colocam-nas à cabeceira da cama; trofeus de beleza. Veem mostrá-las à gente: *olhe a côr!*

Dezoito carros! Não chega a meia missa, mas enquanto dura, é o nosso pão. Podia falar em toneladas ou frações, mas não. Carros é mais lindo. E' assim que o povo fala. Tantos carros de renda Terra de tantos carros. Tonelada é mercancia. O povo sabe dos alqueires que o carro tem. Conhece os selamins. Faz deles moeda. E' com esta moeda que nós pagamos às mulheres que fiam, dobam e tecem o nosso linho.

O povo tem tanto amor ao pão, que conta os seus próprios anos pelos alqueires e car-

ros com que o medem. *Ai; eu já sou muito velho. Hei-de ter carro e meio*. Se se quer falar da idade avançada deste ou daquela, é de dois carros que se fala; *ou pra cima*.

Tivemos 18 carros. Eu quero ser do povo, falar a lingua do povo. Pena é que o povo de hoje esteja a passar de moda, por amor das modas! Tanta coisa boa que se perdeu nos usos e costumes do nosso povo, o que já em si é grande lastima. Pior a substituição; muito pior!

•••••

TINHAMOS cá em casa um problema muito agudo: As ovelhas. O pasto da mata estava na raiz. Na aldeia, em redor das casas, havia alguma coisa, sim. Mas havia também, o perigo das hortas. Nós temos hortas pujantes, a marginar ruas e taludes. As ovelhas são em numero de dezanove. Os pastores em numero de dois com a agravante, ainda, de terem mêdo do carneiro.

Em baixo, nos fundos da quinta há prados verdejantes, sim. Oh que linda erva! Mas quê. Os das vacas andam a ceifar nela e ai dos pastores, se não guardam as ovelhas!

De todas estas razões, nasceu a grande trapalhada das ovelhas. Porém, surgiu uma ideia. Calves. O monte de Calves Calves é nosso. Dista meia hora da quinta. Vem de lá o mato, a agua, a lenha. E' uma grande extensão. Experimentou-se. Os dois pastores disseram bem da experiencia. Entrou um nadinha de paz na nossa vida rural. Ontem vi eu. Ia o rebanho. Iam os pastores. Ia um carro de bois mai-los bois. Ia o *Corre à sôga*. Iam *Rio Tinto* e *Poeta* e *Veiga* e *Maximiano* e *Raul*, todos munidos de enxadas e ancinhos. Isto foi de manhã. A' tardinha regressou tudo quanto tinha ido, mais o mato que eles talharam.

Assinaturas pagas

Eu podia dizer aqui que O Gaiato é o jornal católico de maior circulação no Império. Podia, sim. Mas é certo e sabido que se levantavam logo todos os jornais católicos a repondar: não senhor; nós cá é que somos. E ai tinhamos a desordem. Ora fartinho de sarilhos anda a gente cá por casa. Não é preciso ir por eles lá fora. Mas uma coisa posso afirmar sem receio. O Gaiato é o jornal mais lido de todos quantos em Portugal são dados à estampa. Quando às vezes, por falta de original, os da tipografia enfeitam a composição, logo aparece um leitor apaixonado: Encha o espaço todo! Se se extravia um numero, ai vem a carta apitar: mande e tome lá. E' que o povo gosta de ver as coisas e as pessoas banhadas de sol. Deleita-se de ouvir falar delas consoante a sua natureza. Quere a verdade total. Era de uma vez um jornal católico que transcreveu uma coisa que vinha em O Gaiato, mas omitiu umas palavradas. Perguntel se tinha dito mal e pedi que me guiassem. Quem está liore de pifias?! Ninguem me respondeu.

Como é bom não ter bens. Não aspirar. Não conhecer ninguem. Desejar ser ignorado. Esta sorte de homens fracos são terríveis e metem medo!

Agora o que muito se estima é que os assinantes fixos arranjassem mais assinantes e mais assinantes e muitos mais.

Danilo Marques, 50\$; João Lano, 50\$; Sebastião Martins, 50\$. Todos de Lisboa. Maria Augusta Agueda Miranda de Andrade, Braga, 50\$; Dr. Alvaro do Vale Souto, Fornos-Esposende, 25\$; Maria do Carmo Tôres de Faria, Fornos-Esposende, 20\$; Maria Vieira da Cruz, Porto, 20\$; Joaquim Teixeira de Almeida, Porto, 100\$; Padre Joaquim Rodrigues de Pinho, Requeixo-Eixo, 20\$; Padre João da Costa Oliveira, Janeiro de Cima, 22\$; Beatriz Maria Cardoso, Figueira da Foz, 50\$; Dr. António de Castro Henriques, Porto, 50\$; Manuel Carlos Lopes Martins, Porto, 20\$; Dr. Manuel Subtil, Lisboa, 40\$; Evangelino P. Martins, Mogadouro, 50\$; Juventude Operária Católica, Tôres Novas, 10\$; Albergaria de Lisboa, Lisboa, 25\$; Emilia Augusta Campos Valente-Professora, Alfarin-Fezinha, 25\$; Josefina de Almeida Gustavo, Lisboa, 25\$; Lucinda Maria Duarte Estrela-Professora, Lisboa, 25\$; Elisa Alves Luiz, Serzedo-Arganil, 35\$; Amadeu Gomes Bento, 20\$; Armando Cosme, 15\$; Armando Neto Rodrigues, 15\$; Paulo Ribeiro, 20\$; Elias da Costa 15\$; Todos de Coimbra.

Alexandre Soares Estevão, S. Paio da Portela, 50\$; Dr. Domingos de Sá, Rio Tinto, 50\$; Albertina Pereira Marcos Cordeiro, Namaacha-Mocambique, 70\$; Maria Emilia de Resende Bastos, Pardilhó, 20\$; Virgínia Pereira de Castro, Seneleis, 40\$; Padre José Feliciano Rodrigues Pereira, Milharado-Via Louro, 60\$; Maria do Rosário Godinho Matos Tôres, 50\$; Valentim de Carvalho, 150\$; Elvira Paiva dos Santos, 50\$; José Manuel Couto Rodrigues, 30\$. Todos de Benfica-Lisboa. Padre Artur Correia Rêgo de Figueirado

Rosa da Calçada Porto-Antigo, 50\$; Dr. Carlos Bento Pestana, Nisa, 50\$; Vasco Matos Trigo, Porto, 60\$; Digníssimo Pároco de Guarda, Gandra, 50\$; Maria Victória Guilherme Barão, Moura 100\$; Américo Vieira da Silva, Espinhosa, 12\$; Fernando Gilberto Pereira, Guimarães, 30\$; Dr. Eugénio Carlos Alves Pimenta de Oliveira Braga, Porto, 30\$; António Pinto Moreira, Porto, 50\$; João Alves Fernandes, Paço de Sousa, 10\$; Abel Moreira Barbosa, Castronul-Cête, 50\$; Julieta Serra de Sousa, Lisboa, 20\$; Maria Emilia Ribeiro-Professora, Arrabal-Leiria, 30\$;

Emilio Aragão e Silva, Porto, 20\$; João Emilio Aragão e Silva, Porto, 20\$; K Dreydel, Lisboa, 30\$; M. A. Franche-Passos, Lisboa, 50\$, Manuel Fernandes de Abreu, Cefarias-norte, 50\$; António Ferreira Castro, Bemanta-Coimbra, 20\$; Tenente Eugénio Eduardo da Silva Gameiro, Lisboa, 25\$; Maria do Carmo Rei Lia, Peniche, 20\$; Padre Adelino Silva, Mouronho-Tábua, 20\$; Virgílio Rêgo Barrêto Magalhães, Marco de Canavezes, 50\$; Manuel Ferreira, Porto, 30\$; Irene Lopes da Costa, Parêde, 100\$; Dr. António Leitão de Figueiredo, Coimbra, 50\$; Idalina Lourenço da Fonseca, Gralheira-Lamego 20\$; Ivone de Serpa Viana, Moura-Amês 10\$; Aurea Harres Leite-2 anos-Santo Alejo-Ribeira de Sena, 40\$; Tomás Lança Revez, Lisboa, 25\$; Manuel de Carvalho, Porto, 50\$; João Ferreira Alfoin, Sinfães, 100\$; Menino Artur Vicolau da Costa Júnior, Casaldêlo S. J. da Madeira, 25\$; Menina Maria Antónia da Costa Côte-Real, S. J. da Madeira, 25\$; Menina Maria Victória Viana da Costa, S. J. da Madeira, 25\$; Serafim Pontes Bártolo, Oliveirinha-Costa do Valado, 40\$; Sebastião Aires, Boavista-Porto, 50\$; Maria Soares da Costa, S. João da Madeira, 75\$; Maria Ofélia Gonçalves Mourão, Esmoriz, 25\$; Maria Alcina Moreira de Carvalho, Castelo de Paiva, 40\$; Josefina Adelaide Ferreira, Antas-Fornos de Algôdres, 20\$; Ariosto Saturnino, Lisboa, 50\$; António Valente Moutinho, Avanca, 100\$; Ana Isabel Salgado, Amarante, 20\$; Waldemar Jorje da Silva Saturnino Gomes Teixeira, Lisboa, 30\$; Henriqueta Vilarinho, Porto, 30\$; Eurico César Eugénio, Porto, 50\$; Elvira Coelho Marques da Costa, S. Pedro do Sul, 20\$; João Harry Leite, Luanda, 50\$; Elisabeth Alves de Abreu, Viseu, 20\$; Eugénia da Conceição Rodrigues e diversos, Vila Nogueira de Azeitão, 73\$; Padre Manuel Mendes, Medrões-Santa Marta de Penagião, 40\$; Padre Augusto Duarte Ruivo, Alpedrinha, 20\$; Padre João Ferreira da Costa, Cucujães-Oliveira de Azemeis, 50\$; Manuel Espregueira de Oliveira, Viana do Castelo, 50\$; Isaura Vieira de Lemos, Caramalhão, Moura, Estremoz, 50\$;